

## RESENHA

**“USA – AFRICA: THE POLICY OF  
PRESIDENT B. OBAMA ADMINISTRATION.  
2009 – 2014”, E “USA – AFRICA: THE  
POLICY OF PRESIDENT B. OBAMA  
ADMINISTRATION. 2015 – 2016.  
CHRONICLE OF EVENTS”**de Andrey Urnov<sup>1</sup>Vladimir Shubin<sup>2</sup>

A 14ª Conferência Internacional de Africanistas que ocorreu em Outubro do último ano em Moscou demonstrou, de forma convincente, um alto nível de Estudos Africanos na Rússia. Afinal de contas, o Instituto de Estudos Africanos da Academia de Ciências da Rússia, que contou com mais de cem membros na equipe organizadora da Conferência, é a maior instituição do mundo nesta área de estudos. Porém, a maior parte dos trabalhos produzidos por seus acadêmicos é publicada em russo e, via de regra, é pouco conhecida fora do país.

Esta resenha é um esforço para apresentar aos leitores da RBEA os trabalhos do Dr. Andrey Urnov, um grande diplomata e acadêmico russo. O Dr. Urnov, graduado pelo Instituto de Relações Internacionais de Moscou, pesquisa a política externa dos Estados Unidos desde quando ainda era aluno. Então, a partir de 1966, tornou-se secretário, chefe de repartição e finalmente chefe adjunto do Departamento Internacional do Partido

---

1 A.Yu. Urnov. 2015. *USA – Africa: the Policy of President B. Obama Administration. 2009 – 2014*, Moscow, IAfr RAN, 207. A. Yu Urnov. 2017. *USA – Africa: the Policy of President B. Obama Administration. 2015 – 2016. Chronicle of Events*, Moscow, IAfr RAN, 366 pp.

2 Instituto de Estudos Africanos, Academia de Ciências da Rússia, Moscou, Rússia. E-mail: vlgs@yandex.ru.

Comunista da União Soviética, sendo responsável pela ligação política de Moscou com os países africanos – principalmente com os movimentos de libertação nacional – por quase um quarto de século. Mais tarde, ele foi o primeiro embaixador soviético/russo enviado à Namíbia. Por sua “excelente contribuição para a luta de libertação do povo da África do Sul”, o Dr. Urnov recebeu a ordem nacional sul-africana “Companheiros de OR Tambo” (prata). Após se aposentar dos serviços diplomáticos, ele ingressou como Pesquisador Principal no Instituto de Estudos Africanos.

A pesquisa de Dr. Urnov sobre a política do Presidente Barack Obama para a África está registrada em dois volumes, o primeiro cobrindo o período de 2009 a 2014 e o segundo, os dois últimos anos de seu governo. No entanto, este conteúdo é precedido por uma breve exposição da política das administrações anteriores de Bill Clinton e George W. Bush. Segundo o autor, o declínio inicial do interesse de Washington pela África após o fim da ‘Guerra Fria’ não durou, onde se destaca a Lei de Crescimento e Oportunidades para a África (AGOA, na sigla em inglês) de 2001 como “um dos principais instrumentos da política dos EUA na região”. No ano seguinte, Camp Lemonnier, a primeira base militar oficial dos EUA no continente africano, foi fundada em Djibouti, e em 2006 Washington estabeleceu a criação do AFRICOM, o novo Comando dos Estados Unidos para a África.

“O Presidente Obama dá continuação aos passos de seus predecessores ao fortalecer os vínculos políticos, econômicos e militares, entre outros, com os Estados africanos”, escreve Urnov (2015, 13). Ao mesmo tempo, o fato de o novo Presidente ser afro-americano “deu um voto de confiança à sua administração” (2015, 13). De fato, a Assembleia da União Africana de fevereiro de 2009, em uma mensagem especial de congratulações, deu boas-vindas à administração do Presidente Obama, “que abre um novo capítulo para a América, a África e, de fato, o mundo inteiro” (2015, 13). Para comprovar a popularidade inicial de Obama, especialmente na África Oriental, segue uma história minha. Logo após a posse de Obama, vi um veículo em uma rua de Dar es Salaam com a inscrição “Barac Obama”. No entanto, simbolicamente, esse veículo era apenas um tuk-tuk, um riquixá de três rodas.

No Capítulo 1, o autor ressalta os principais “pilares” da política de Obama para a África e analisa meticulosamente seus aspectos políticos, econômicos, humanitários e militares. Em particular, Urnov escreve sobre “alguns resultados positivos” da AGOA, especialmente o aumento do comércio bilateral, incluindo exportações não-energéticas da África Subsaariana para os EUA (2015, 18). Porém, na opinião do autor, esta região permaneceu principalmente como um fornecedor de matérias-primas para

os Estados Unidos, as quais constituem cerca de 80 a 90 por cento das importações americanas vindas desta região (2015, 18), enquanto apenas 300 itens dos 1.600 permitidos pela AGOA foram exportados para os EUA.

Mais positiva é a avaliação do autor sobre a assistência humanitária e de saúde oferecida por Washington, especialmente pelo Plano de Emergência do Presidente para o Alívio da AIDS (PEPFAR), adotado pelo antecessor de Obama, porém ampliado por ele.

A próxima iniciativa, lançada pessoalmente por Obama em 2010, chama-se “Iniciativa de Jovens Líderes Africanos” (YALI, na sigla em inglês), que inclui o Programa de Bolsas Mandela Washington, os Centros de Liderança Regionais e a Rede YALI. Segundo Urnov, seu objetivo seria a formação “de uma ‘coluna americana’, que se tornaria uma classe dominante orientada para os EUA” na África (2015, 25).

Ambos os volumes contêm uma exposição detalhada das atividades militares dos EUA na África. Uma parte importante do primeiro volume é intitulada “Counterterrorism. ‘Small footprint’ or creeping militarization?” (2015, 25). Ela analisa vários modelos de “atividades” militares norte-americanas no continente, como: Locais de Segurança Cooperativa (CSL, na sigla em inglês), Localidades de Operação Avançada (FOS, na sigla em inglês), Parcerias Contra o Terrorismo, etc.; atividades estas que foram realizadas em 47 países africanos até o final do primeiro mandato de Obama (2015, 33).

Ao discutir a atitude de Washington em relação aos conflitos nos países africanos, Urnov presta especial atenção à agressão da OTAN na Líbia (2015, 52-64). Ele lembra uma frase notória de Hillary Clinton, a então Secretária de Estado, dita no noticiário da CBC sobre o assassinato de Muammar Kadafi: “Nós viemos, nós vimos, ele morreu”; embora em um artigo conjunto para os principais jornais ocidentais Obama, juntamente com Nicola Sarkozy e David Cameron, insistiu que seu objetivo não era “remover Qaddafi com o uso da força” (2015, 56).

No Capítulo 3, Urnov analisa as relações dos EUA com vários países africanos, da África do Sul à Etiópia, bem como a atitude de Washington em relação às atividades de Pequim na África. É dada atenção especial a dois eventos no primeiro livro: os debates da campanha presidencial de 2012 (Capítulo 4) e a primeira cúpula dos líderes dos EUA e África em 2014, que Urnov chama de “Ano Americano da África” (dois capítulos na Parte 2 do primeiro volume).

Os próximos dois capítulos são devotados novamente às relações com países africanos separados e à atitude de Washington em relação às “zonas de conflitos” na África em 2013-2014. No capítulo final, intitulado

"O Ano da África acabou. O que vem a seguir?", o autor faz uma previsão interessante: "O crescimento da atividade dos EUA implicará em um agravamento da concorrência para a África [...] E isso poderá ajudar a África, através da promoção de sua política de equilibrar e jogar com as contradições dos competidores." (2015, 201).

O segundo volume de Urnov, ainda mais detalhado (inclui 1793 referências e seu subtítulo "Crônica de Eventos" é totalmente justificado), serve como prova dessa previsão. Como no primeiro volume, o autor analisa o desenvolvimento dos laços dos EUA com a África em vários campos. Atenção especial é dada a um evento marcante, a visita de Obama à sede da UA em Adis Abeba e suas observações ao povo da África, discursadas na capital etíope em 28 de julho de 2015, no Salão Mandela (2017, 34-37).

No campo econômico, o autor concentra-se no prolongamento da AGOA em julho de 2015, elaborando as mudanças que expandiram os poderes do presidente na revisão do status de seus beneficiários (2017, 52-53). Urnov estuda detalhadamente os materiais dos fóruns da AGOA em Libreville, um mês depois de seu prolongamento, e em Washington, em setembro de 2016. Em particular, analisando a declaração de Michael Froman, Representante Comercial dos EUA, o autor conclui que Washington estava buscando "envolver a África na implementação dos planos dos EUA visando romper o espaço econômico global, com o objetivo de criar uma vasta zona exclusiva, na qual os Estados Unidos poderão preservar suas posições econômicas dominantes" (2017, 61).

Discutindo as questões da presença militar e do contraterrorismo norte-americano na África no próximo capítulo, de número 3, Urnov explica com profundidade o caráter contraditório desse engajamento. Por um lado, "o curso hegemônico dos EUA e seu componente anti-muçulmano contribuíram para o aumento e propagação do terrorismo internacional. Em certo período, a atividade de organizações terroristas foi útil para Washington. Os Estados Unidos usaram esses agrupamentos para criar caos e instabilidade em países que não gostavam [...] A assistência [aos Estados africanos] levou a uma maior dependência dos Estados Unidos, não apenas militar, mas também política".

Por outro lado, Washington nem sempre teve sucesso em manter os terroristas sob controle. "O caos não controlado impediu a consecução dos objetivos políticos e econômicos dos Estados Unidos, criando uma ameaça à sua segurança. Então, onde o terrorismo atuou de maneira hostil à força dos EUA, a luta contra ele permaneceu um componente completamente natural da política dos EUA, inclusive na África" (2017, 84).

A segunda parte do volume 2 cobre as relações de Washington

com países africanos nos últimos dois anos da presidência de Obama. O Capítulo 1 inteiro analisa (talvez de maneira muito detalhada) a situação na Líbia (2017, 147-199), e também conta com a avaliação pessimista de funcionários dos EUA. Grande atenção é dada, em particular, à avaliação das relações dos EUA com a África do Sul, que Urnov caracteriza como “parceria quase equilibrada” (2017, 342).

Ao longo do texto, Urnov chama a atenção dos leitores para as discrepâncias na política e nas declarações da administração dos EUA. Por exemplo, em uma mesa redonda com um representante da sociedade civil etíope durante a visita a Adis Abeba, Obama sublinhou que os EUA se opuseram fortemente aos grupos que estavam buscando a derrubada violenta do poder. “Assim também seria na Síria!”, comenta Urnov sarcasticamente (2017, 34). Alguns outros países, a Líbia em particular, também podem ser mencionados a este respeito.

Na conclusão, o autor faz uma avaliação sumária da política do presidente Obama em relação à África. Em sua opinião, nos últimos dois anos, “a administração de Barack Obama conseguiu manter suas posições e também avançar um pouco em relação a elas. Na África, como em outras regiões do mundo, Washington prosseguiu objetivos hegemônicos, no entanto, deve-se admitir que atuou com bastante flexibilidade e habilidade (em relação à exclusão da Líbia)” (2017, 360).

Urnov escreve que, em 2016, as despesas gerais do governo dos EUA em assistência e na realização de programas globais, continentais e regionais em 51 países africanos foram de 9,645 bilhões de dólares, mas “a quantidade não se traduziu em qualidade” e a China “estava ganhando ‘a batalha pela África’”, enquanto em vários países africanos (Líbia, Sudão do Sul, RDC) “os eventos não seguiram o previsto pelos norte-americanos” e “nem sempre havia sido possível manter os terroristas sob o controle. Na Nigéria, Somália e muitos Estados do Sahel e do Magreb, eles agiram de maneira hostil à força dos EUA” (2017, 360).

Um dos capítulos deste volume é dedicado ao papel da África na campanha eleitoral presidencial de 2016. Na opinião de Urnov, Donald Trump não tinha uma política ponderada e integral em relação à África. Além disso, ele fez algumas observações abertamente racistas. No entanto, à medida que as eleições se aproximavam, Trump mudou seu tom na tentativa de conquistar pelo menos alguns eleitores afro-americanos e até prometeu que depois de quatro anos de sua presidência, 95% deles votariam por ele (2017, 134-135).

A vitória de Trump não era esperada na África (“como essencialmente em todos os lugares”, acrescenta Urnov), mas a atitude em relação a este

Resenha: "USA - Africa: the policy of President B. Obama administration. 2009 - 2014" e "USA - Africa: the policy of President B. Obama administration. 2015 - 2016. Chronicle of events" de Andrey Urnov

evento variou no continente. "Parceiros e aliados próximos, representantes da sociedade civil ficaram frustrados e preocupados". No entanto, ao mesmo tempo, a vitória foi recebida "com um suspiro de alívio por aqueles que estavam cansados dos ensinamentos e interferências de Washington e também sendo criticados por não cumprir as normas democráticas" (2017, 139).

Na opinião de Urnov, "os primeiros passos da administração de Donald Trump não esclareceram a situação" quanto a sua política em relação à África (o livro foi enviado para impressão em 31 de agosto), mas os leitores têm todas as razões para esperar que Urnov continue sua profunda e minuciosa pesquisa.

*Recebido em 7 de dezembro de 2017.  
Aprovado em 31 de janeiro de 2018.*

*Traduzido por Vitória Kramer*